

A REFORMA UNIVERSITÁRIA EM NUESTRA AMÉRICA: CONTRIBUIÇÕES DE JOSÉ MARTÍ

Debate ou discussão em teoria social
17. Pensamento latino-americano e teoria social
Fábio Inácio Pereira

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo discutir o ensino universitário na América Latina a partir da perspectiva de José Martí (1853-1895), como contribuição para a história da universidade latino-americana. Neste texto, busca-se identificar a sua preocupação com a universidade existente no continente americano, bem como apresentar o seu olhar para o processo de modernização nos países onde ela já existia. Entre as novas repúblicas era crescente o ímpeto modernizador, a fim de alcançar o padrão da civilização de países desenvolvidos. Desse modo, o olhar do pensador, para o modelo de universidade existente nesses países, constitui-se um objeto importante para entender os rumos da sociedade latino-americana no século XIX.

Palavras-chave: Universidade. Modernização. José Martí.

José Martí¹ é considerado um dos principais líderes do processo de independência cubana. Além de sua militância política, deixou uma obra extensa voltada para questões dos mais diversos gêneros e áreas do conhecimento, como o ensino universitário. Não escreveu um livro especificamente sobre o tema, porém sua obra - composta por artigos, crônicas, discursos, poemas, peças de teatro, novelas, cartas, dedicatórias e traduções - assumiu uma alta posição em termos quantitativos e qualitativos sobre essa questão.

Apesar de não possuir uma proposta de educação sistematizada, as publicações de José Martí formam o seu ideário formativo, particularmente, em torno da necessidade de uma reforma universitária. Desses textos, uma parte foi publicada em revistas de países latino-americanos e, também, nos Estados Unidos, distribuídos ao longo do seu exílio, tratando de problemas da ilha cubana, de problemas locais de alguns países e, também, de problemas de interesse geral para o continente.

Em suas publicações sobre a universidade latino-americana, apontou para o que seria um quadro bastante crítico em termos: do número de universidades, estrutura física, falta de corpo docente, métodos e didática de ensino. Com poucas exceções, o perfil das instituições de ensino existentes era tradicional e conservador.

Ao considerar a importância que atribuía à educação na transformação da sociedade, as universidades mereceram grande atenção. Em seu ideal de construção de uma nova sociedade, a universidade teria um papel central, pois seria a produtora e irradiadora do conhecimento necessário

¹ José Martí nasceu em Havana, em 28 de janeiro de 1853. Foi enviado para o exílio em 1871 por se opor ao domínio colonial espanhol sobre Cuba. cursou Direito, Filosofia e Letras, nas universidades de Madri e Saragoça. Deixou a Espanha em fins de 1874, conheceu a França e foi para o México, lugar em que terminou seus estudos de jornalismo. Entre várias estadas pela América Latina, só a partir de 1881 fixou-se em Nova Iorque, onde permaneceu residente um período maior de tempo, até 1895. Nesse período, acumulou vários cargos, como o de cônsul do Uruguai, da Argentina e do Paraguai em Nova Iorque; representante da Associação de Imprensa de Buenos Aires, nos Estados Unidos e no Canadá. Foi levado à Presidência da Sociedade Literária Hispano-Americana e nomeado representante do Uruguai para a Comissão Monetária Internacional Americana em Washington. No exílio, em 1892, fundou o Partido Revolucionário Cubano, organização que liderou e que foi responsável pelo reinício da guerra independentista, em 1895. Morreu em 19 de maio do mesmo ano em uma das primeiras batalhas contra as forças espanholas na ilha, próximo a um lugar chamado Boca de Dos Rios.

para as grandes transformações que os novos tempos exigiam. É desse modo que propunha uma segunda independência, para a qual seria fundamental a unidade em torno de um projeto de formação não só política, mas também científica. Assim, a criação de novas universidades com um novo perfil de ensino traria a força necessária para a construção de um projeto de modernização, respeitando as especificidades culturais locais.

As ideias e inovações do velho continente e o modelo representado pelos Estados Unidos deixavam inquietos os representantes dos setores produtivos que, por sua vez, se sentiam impelidos a romper com as velhas práticas. O movimento por transformações econômicas, políticas e sociais ganhava uma escala crescente na busca de alternativas para os países latino-americanos.

Ante os imediatos desafios que se vislumbravam para América Latina, o discurso político liberal ajudava a sustentar a defesa da educação como tomada de consciência de que era preciso construir novos caminhos, que pusessem os países do continente nos rumos de uma determinada concepção de progresso social e, por conseguinte, de transformação das instituições políticas.

É importante destacar que, historicamente, o processo de modernização econômica da América Latina, de origem externa, foi motivado pela oportunidade dos países da região em fornecerem matérias-primas para atender à forte demanda dos países em processo de industrialização. A estabilidade política era um requisito básico àqueles países que se propunham a entrar no circuito do mercado mundial, respondendo à demanda crescente por produtos primários (DABÈNE, 2003, p. 17).

A partir da perspectiva ideológica liberal, a construção do progresso social passava pelo conhecimento científico que era gerado nas universidades, como força transformadora das forças produtivas. O modelo econômico e social moderno tinha, na relação entre ciência e produção, a mola propulsora do desenvolvimento de tipo capitalista. O conhecimento científico ganhava, cada vez mais, usos práticos, relacionando-se diretamente ao necessário desenvolvimento técnico e às atividades produtivas. Era preciso mostrar, aos setores políticos e econômicos do continente, o caminho da modernização e defender a possibilidade da efetivação de progresso também nessas terras.

Entre as novas repúblicas, era crescente o discurso que trazia a possibilidade desses países alcançarem o padrão de civilização dos países desenvolvidos. Assim, o tema da modernização aparecia de forma recorrente nos autores da época, e não seria diferente nas discussões de José Martí.

O seu primeiro contato com o processo de modernização deu-se na Europa, à época de seu exílio. Ao lado da experiência política, conheceu o desenvolvimento econômico e social dos países que consolidavam-se industrialmente.

Na Espanha, frequentou a Universidade Central de Madri e a Universidade de Saragoça na modalidade de cursos dirigidos. Impedido de assistir às aulas pessoalmente, estudava de maneira autodidata, com base no programa das disciplinas. Em Madri, foi aluno de ensino livre, optando basicamente por disciplinas ligadas ao Direito²; depois, solicitou transferência de universidade e mudou-se para Saragoça, requerendo exame para o ingresso na Universidade Literária de Saragoça³.

² Cursou as disciplinas de Direito Romano, Primeiro Curso, Direito Político e Administrativo e Economia Política e Estatística. Posteriormente, matriculou-se no segundo curso de Direito Romano e, em seguida, nas disciplinas de Direito Civil Espanhol e em Direito Mercantil e Penal (MARTÍ, 1975, v. 27, p. 191-192).

³ Na Universidade de Saragoça foi aprovado em todas as disciplinas cursadas e, em junho de 1874, após realizar as provas de Bacharelado, obteve o grau de Licenciado em Direito Civil e Canônico. Em agosto de 1874, matriculou-se na Faculdade de Filosofia e Letras e, em outubro do mesmo ano, tendo sido aprovado nas disciplinas, obteve grau de Licenciado em Filosofia e Letras. As disciplinas que cursou foram: Direito Romano, Segundo Curso, Economia Política, Direito Civil Espanhol e Direito Mercantil e Penal. Nesse mesmo ano, solicitou o exame nas disciplinas de Ampliação de Direito Civil, Direito Canônico, Disciplina Eclesiástica, Teoria de Procedimentos Judiciais, Prática Forense, Literatura Geral e Espanhola, Literatura Clássica Latina e História Universal. Posteriormente, requereu os exames nas disciplinas de Retórica e Poética, História Universal, História da Espanha, Psicologia, Lógica e Ética, Física, Química, História Natural e Fisiologia e Higiene (MARTÍ, 1975, v. 27, p. 191-192).

Essas experiências foram significativas no sentido de lhe trazer novos horizontes sobre a universidade. Como um observador dos acontecimentos culturais na Europa, se comportou como um resenhista das inúmeras informações recebidas sobre a vida acadêmica, científica, artística, literária etc.

O período foi propício para desenvolver suas ideias positivistas apreendidas em Cuba, como também para se abrir para novos conhecimentos a partir da sua formação universitária. O contato com importantes representantes dessas áreas o influenciou a estudar a filosofia idealista, o krausismo e o positivismo evolucionista de Herbert Spencer, além da efervescente corrente política liberal existente no país.

Assim como na Europa, o pensador cubano buscou entender e divulgar os aspectos do processo de modernização em que os Estados Unidos constituíam-se em exemplo bem-sucedido. Foi nesse país que viveu o seu maior período de exílio. Se em um primeiro momento sua preocupação era com a explicação e descrição de fatos; posteriormente, passou a avaliar os impactos econômicos e sociais desse desenvolvimento sobre os próprios norte-americanos e, especialmente, nos países latino-americanos.

Nos Estados Unidos, explicitou a sua visão sobre o processo de modernização que era aspirado para a América Latina. Seus escritos apontavam em duas direções: de um lado para celebrá-lo e, de outro, para discutir suas contradições. Nos dizeres de Berman (1986, p. 23-24): “Nossos pensadores do século XIX eram simultaneamente entusiastas e inimigos da vida moderna, lutando desesperadamente contra suas ambiguidades e contradições; sua auto-ironia e suas tensões íntimas constituíam as fontes primárias de seu poder criativo”.

O intenso movimento de mudança lhe suscitava: reflexões sobre a experiência da vida moderna em uma sociedade em desenvolvimento industrial, e um referencial, de construção, político-democrático. Nesse sentido, destacava-se a abordagem crítica dos fatos políticos, econômicos e sociais do país, onde se explicitou um movimento ambíguo de suas ideias rumo àquelas duas direções.

Apesar dessas manifestações em relação ao modelo cultural norte-americano, José Martí explicitava, invariavelmente, a sua posição favorável à disseminação da cultura científica e tecnológica do país.

Ao tratar dessas universidades, fazia diferença entre aquelas que ele considerava ultrapassadas e as que seriam modelos e referenciais. As universidades modernas constituíam-se em poderosas forças de produção de conhecimento, capazes de alavancar o progresso do continente.

Na cidade de Nova Iorque, conheceu com profundidade as principais universidades do país. Pôde acompanhar e constatar a capacidade criadora e desenvolvida daquelas universidades. Entre as que foram mais destacadas, encontrava-se a Universidade de Cornell, fundada em 1865, que foi considerada como modelo, com o espírito moderno.

Cornell, en Ithaca, es universidad magnífica. Es la universidad moderna. No a seminarios donde los quiebran; no a colegios de pupilos, donde los explotan y descuidan; no a academias literarias, donde ni las ventajas de la literatura obtienen, pues olvidan la propia y no tienen tiempo ni gusto de adquirir la ajena; no a injertar violentamente en el espíritu penetrado ya de los aires nativos, otro que no se apeg a él y lo aumenta, sino que lo contradice; no a esto, ni por esos caminos, deberían mandarse a los Estados Unidos a los niños hispanoamericanos; sino a la Universidad de Cornell, basada en el conocimiento y necesidades de la vida moderna, sin desdén de lo bueno de la antigua; a la Universidad de Cornell, donde adquieren en un trabajo interesado y fecundo los elementos universales de la vida nueva (MARTÍ, 1975, v. 10, p. 256).

A universidade destacava-se por sua capacidade de desenvolvimento técnico-científico, base para o desenvolvimento industrial e, ao mesmo tempo, capaz de comportar estudos da tradição filosófica.

Em suas crônicas sobre a vida na universidade, destacou o cotidiano dos jovens estudantes em uma instituição que privilegiava, por sua estrutura de bibliotecas, laboratórios, museus, oficinas e espaços agrícolas, o espírito investigativo e prático. É, desse modo, que a tomou como um de seus modelos de instituição, capaz de promover a modernização via desenvolvimento industrial e agrícola.

Além da Universidade de Cornell, outras instituições norte-americanas receberam importantes destaques em seus escritos. As seculares Universidades de Harvard, de Yale e de Columbia, entre as mais prestigiadas do mundo mereceram elogios pelo número e qualidade de seus alunos (AGRAMONTE, 1991, p. 154).

Para construir uma sociedade nova em terras latino-americanas, considerava ser fundamental a criação de novas universidades. Assim, era fundamental elaborar metas que passariam pela criação de universidades capazes de promover uma nova educação. No artigo, *Escuela de electricidad*, de 1883, reivindica a criação de uma universidade voltada para os grandes temas de seu tempo: “Al mundo nuevo corresponde la Universidad nueva [...] En tiempos teológicos, universidad teológica. En tiempos científicos, universidad científica” (MARTÍ, 1975, v. 8, p. 281).

A busca de referenciais para um ensino universitário, segundo os desafios de modernização existentes entre os setores produtivos dos países, deixou explícito sua proposta de educação para a vida. Fez coro com o movimento de renovação pedagógica e tratou do método de ensino que considerava mais adequado: a educação ativa. Em sintonia com esse movimento, o pensador tornou-se um dos principais irradiadores do novo modelo educacional.

Assim, encontram-se em seus escritos considerações sobre os conteúdos ministrados e sobre a didática de ensino em que condenou a prática da memorização como forma de aprendizagem.

Debe ajustarse un programa nuevo de educación, que empiece en la escuela de primeras letras y acabe en una Universidad brillante, útil, en acuerdo con los tiempos, estado y aspiraciones de los países en que enseña: una Universidad, que sea para los hombres de ahora aquella alma madre que en tiempos de Dantes y Virgilio preparaba a sus estudiantes a las artes de letras, debates de Teología y argucias legales, que daban entonces a los hombres, por no saber aún de cosa mejor, prosperidad y empleo (MARTÍ, 1975, v. 8, p. 299).

A universidade deveria promover um novo comportamento nos estudantes: de interesse pelo conhecimento e de busca pelo desconhecido, o que poderia ser caracterizado como uma atitude ativa, pensante e reflexiva diante dos desafios que a vida lhes propunha (FALLAS, 2005, p. 72). Esse poderia ser considerado o caminho para a formação de um sujeito idealizado como independente e, ao mesmo tempo, útil para a construção de um ideal de progresso.

A formação política dos governantes também apresentava-se como uma das preocupações da universidade, que perguntava: “Como poderão sair das universidades os governantes, se não há universidades na América onde se ensine o rudimentar da arte de governo, que não é mais do que a análise dos elementos peculiares dos povos da América?” (MARTÍ, 1983).

A formação acadêmica dos dirigentes, tradicionalmente, era realizada nas universidades europeias. As famílias crioulas enviavam seus filhos para receberem uma formação acadêmica, que depois tornava-se a base para que muitos assumissem cargos públicos.

Para José Martí era preciso preparar os governantes em suas próprias terras. A sua formação deveria ter como base a história de seu próprio país, bem como as particularidades históricas que a caracterizam.

Conhecer é resolver. Conhecer o país, e governá-lo conforme o conhecimento, é o único modo de livrá-lo de tiranias. A universidade europeia deve dar lugar à universidade americana. A história da América, dos incas para cá, deve ser ensinada minuciosamente, mesmo que não se ensine a dos arcontes da Grécia. A nossa Grécia é

preferível à Grécia que não é nossa. Nos é mais necessária. Os políticos nacionais substituirão os políticos exóticos. Enxerte-se em nossas repúblicas o mundo; mas o tronco terá que ser o de nossas repúblicas (MARTÍ, 1983, p. 196-197).

Uma universidade voltada para a vida como propunha, seria baseada nas principais universidades europeias e norte-americanas. Os homens deveriam considerar o conhecimento do mundo em que se vivia. Assim, propunha uma formação que os levasse a identificarem-se com as suas origens e a voltarem-se para os principais desafios de sua história. O resgate do pensamento e da cultura latino-americana seria fundamental para a valorização do continente, uma vez que revelaria a sua identidade (MARTÍ, 1975, v. 6, p. 18).

A história do continente deveria ser conhecida, para que a identificação de seus problemas pudesse contribuir com a reflexão sobre os seus rumos políticos, econômicos e culturais. O conhecimento traria oportunidades de transformações para os rumos considerados necessários ao desenvolvimento. O primordial era que a universidade conduzisse os estudantes ao conhecimento do momento histórico em que viviam. Com esse conhecimento, estes deveriam focar a resolução dos problemas, que a vida no campo apresentava.

Os estudantes deveriam ser convencidos a assumirem novos modos de vida, adequando-se aos costumes dos cidadãos nos países desenvolvidos. Eles deveriam compreender seus direitos políticos e sociais, mas também contribuir com o seu trabalho para a construção da sociedade. Nesse processo, o ensino universitário seria imprescindível para a formação dos estudantes, como sujeitos capazes de desenvolverem as habilidades requeridas para a vida moderna.

Referências:

AGRAMONTE, Roberto. **Las doctrinas educativas y políticas de Martí**. Puerto Rico: Editorial de la Universidad de Puerto Rico, 1991.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

DABÈNE, Olivier. **América Latina no século XX**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

FALLAS, Jacqueline García. El pensamiento pedagógico de José Martí acerca de la formación docente y el curriculum educativo. **Revista Educación**, San José, v. 29, n. 2, 2005. Disponível em: <<http://www.vinv.ucr.ac.cr/latindex/edu-29-2/edu-29-2-04.pdf>>. Acesso em: 22 nov. 2011.

MARTÍ, José. **Obras Completas**. 2. ed. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. 27 v.

_____. **Nossa América**. São Paulo: Hucitec; Associação Cultural José Martí, 1983.